

JUDT, Tony. **Pensando o século XX**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2014, 431p.

Alexandre Andrade da COSTA<sup>1</sup>

Um vasto e bem delineado panorama do século XX, este poderia ser, indubitavelmente, o subtítulo desta obra publicada em 2014. Chama a atenção, de início, o formato adotado pelo autor. Não se trata, como de costume, de obra que resulta de uma pesquisa específica, elaborada por um dedicado historiador que, após a crítica das fontes, apresenta ao público leitor os seus resultados.

O livro todo é fruto de conversas entre Tony Judt, cujas obras passaram a integrar o rol de leituras obrigatórias para estudiosos da contemporaneidade (*Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*, entre outros) e Timothy Snyder, historiador responsável por uma das contundentes análises a respeito dos assassinatos comandados por Hitler e Stalin durante a Segunda Guerra Mundial (*Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*). Este último, diante da doença de Judt – esclerose lateral amiotrófica, que o vitimou em 2010 – definiu o livro como uma “história das ideias políticas modernas na Europa”, além de biografia intelectual de Tony Judt e tratado ético (p. 09).

Composta por nove capítulos, a obra apresenta um posfácio e uma riquíssima parte intitulada *Obras discutidas*, na qual se elencam os autores e títulos citados e debatidos pelos dois historiadores. Trata-se de um livro fascinante que exige muito de seus leitores em virtude da amplitude das temáticas por eles assinaladas que, não raras vezes, obriga a uma pausa para pesquisa.

O primeiro capítulo – *O nome permanece: questionador judeu* – apresenta a infância e juventude de Judt e seus embates com o mundo legado por Hitler. Nascido em 1948, o autor relembra as atitudes do pai, no que se refere aos alemães: “[...] ele simplesmente não conseguia se comunicar com os alemães. Eu, um menino batizado em homenagem a uma criança morta em câmara de gás em Auschwitz, apenas 17 anos antes, descia para a recepção de um hotel provincial alemão e anunciava: *Mein Vater wiew eine Dusche* – meu pai quer um banho.” (p. 29). Ainda neste capítulo ele criticou alguns intelectuais, como Jean-Paul Sartre, que “[...] muito depois de as ambiguidades das décadas de 1930 e 40 terem se dissipado [...] ele se recusa tão insistentemente a discutir os crimes do comunismo [...]” (p. 53) e Raymond Aron, para quem “[...] o pensamento alemão oferecia a única maneira de pensar inteligentemente sobre o século e sobre a época.” (p. 55).

*Londres e língua: autor inglês* foi o título escolhido para enfeixar as conversas num segundo capítulo, em que o autor demonstra os desafios de crescer em um mundo cujos

---

<sup>1</sup> Doutor em História – Faculdades Integradas de Fernandópolis – Avenida Teotônio Vilela, s/n, Campus Universitário, 15600-000, Fernandópolis – SP, Brasil. E-mail: aachistoria@yahoo.com.br

sons eram emitidos em vários idiomas. De acordo com ele, por exemplo, “[...] todos os avós tinham sotaque. Era isso o que uma avó ou um avô era: alguém que você não entendia muito bem [...]” (p. 64). Neste ponto dos diálogos, Tony relatou, ainda, que “[...] enfrentou muito antissemitismo [...]”, pois, “[...] em uma escola de mais de 1000 meninos, não creio que houvesse mais de meia dúzia de judeus.” (p. 65).

No terceiro capítulo – *Socialismo familiar: marxista político* –, Judt relatou suas experiências com as teorias da esquerda, que conheceu desde cedo. De acordo com ele, que ganhara do pai, aos 13 anos, a biografia de Trotsky escrita por Isaac Deutscher, “Marx foi sempre e acima de tudo um observador dos acontecimentos políticos e da realidade social.” (p.97).

Ele apresentou uma diferenciação entre o que seria o comunismo e a experiência soviética, à qual era muito crítico. “Sempre foi entendido, em minha casa, que o comunismo soviético não era o marxismo e que os comunistas soviéticos, a partir de Stalin em todo caso, não eram, portanto marxistas apropriados.” (p. 95). Em virtude dessas premissas, ambos os debatedores criticaram a postura de intelectuais como Jean-Paul Sartre e Eric Hobsbawm. No caso deste último estudioso, Timothy Snyder questiona, a certa altura: “Como é possível que alguém que cometeu esse tipo de engano e nunca o corrigiu, tenha se tornado com o tempo um dos intérpretes mais importantes do século? [...]” (p. 120).

As primeiras experiências universitárias e do Kibutz compõem a trama do quarto capítulo: *O King's e os Kibutzim: sionista de Cambridge*. Nele, o autor relembra os anos de juventude, de sua viagem a Israel, além do ingresso na Universidade britânica. Tony Judt reconheceu que, naquela altura, viu o país recém-criado pela ONU a partir de “[...] uma lente cor-de-rosa [...]” (p. 125). No que se refere à Universidade, revelou o elitismo das instituições inglesas além de afirmar, a certa altura, que era possível situar ideologicamente os estudantes com base na escola na qual ele estudava.

O desencantamento com a política agressiva de expansão territorial também é duramente condenado durante este capítulo. Apesar de judeu, o autor não se furta em criticar as iniciativas israelenses, atacando a cultura política como “paranoica” e “doentamente dependente do Holocausto”. Para ele, o maior crime contra a humanidade seria uma arma nas mãos das lideranças judaicas que o utilizam como “[...] muleta moral e sua arma preferida para se defender de todas as críticas.” (p. 139). Israel seria hoje, na visão de Judt, “o Anti-Auschwitz”, um Estado “[...] militar, agressivo e autoconfiante [...]” (p. 144), com o qual ele diz não ter identificação. A postura de “outsider”, afirma ele, “[...]foi sempre uma posição segura, até confortável.” (p. 156).

A inserção no mundo acadêmico internacional, com experiências na França e nos Estados Unidos, centralizou o debate do quinto capítulo do livro, intitulado: *Paris, Califórnia: Intelectual francês*. Orientado por René Remond, um dos maiores historiadores franceses,

Judt avaliou de perto, a partir da École Normale Supérieure, a vida intelectual francesa. Após a conclusão do doutoramento, aos 24, ele segue para os Estados Unidos, onde escolhe trabalhar na Universidade de Berkeley (Califórnia), por acreditar que Harvard, na qual também fora aprovado, parecia-se muito com Cambridge, de onde viera. Em meio aos relatos biográficos, o autor elaborava analogias riquíssimas entre os problemas teóricos mais complexos daquele momento histórico. Para ele, por exemplo,

Quando falamos dos marxistas, poderíamos começar com conceitos. Os fascistas não têm realmente conceitos. Eles têm atitudes. Têm respostas características à guerra, à depressão e ao atraso. Mas não começam com um conjunto de ideias que depois aplicam ao mundo. (p. 177).

No capítulo subsequente, *Geração do entendimento: liberal europeu oriental*, a conversa passa pela Segunda Guerra Mundial, pela expansão do marxismo e pelo liberalismo. Criticando o eurocentrismo na historiografia, Judt pontua que

A Segunda Guerra Mundial não pode ser enquadrada dentro de seis anos. Não faz nenhum sentido começar nossa compreensão da Segunda Guerra Mundial no dia em que a Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha ou quando a Alemanha invade a Polônia, o que ainda é arbitrário. Para os europeus orientais, não faz sentido terminar a história em maio de 1945. Limitar o relato a 1939-1945 só se aplica a países que basicamente não foram afetados por frentes populares, por ocupação, por extermínio, por ocupação ideológica ou política nos anos seguintes. (p. 232).

Judt relembra que, a partir da difusão do marxismo enquanto teoria acessível a estudantes e outros grupos minoritários como os gays e as mulheres, há uma ampliação daquilo que pode ser narrado a despeito “[...] da ligação com o proletariado industrial.” (p. 242). Em outro momento do diálogo, ele assevera que “A verdadeira Guerra Fria em nível intelectual e cultural, também em nível político em muitos países, não foi travada entre a esquerda e a direita, mas dentro da esquerda.” (p. 244). Contrapondo-se às questões da esquerda e à direita, a força do liberalismo era, na visão do autor, “[...] suas estruturas institucionais.” (p. 248).

O sétimo capítulo possui uma natureza metodológica e teórica. Intitulado, *Unidades e fragmentos: historiador europeu*, ele trata dos embates entre história e memória, traça um perfil do trabalho do historiador e comemora o fato de escrever para um público mais amplo. Para ele, isso trouxe uma responsabilidade muito grande, porém era mais coerente que viver em “[...] Cambridge, Berkeley e Oxford, cada uma a seu modo, uma torre de marfim isolada.” (p. 273).

A história desempenha um papel essencial, segundo ele, nas sociedades abertas, uma vez que “[...] uma característica comum às sociedades fechadas do século XX, fossem

de esquerda ou de direita, é que elas manipulavam a história. Fraudar o passado é a mais antiga forma de controle do conhecimento [...]” (p. 284) e, por isso, “[...] é simples prudência democrática assegurar que os cidadãos sejam historicamente informados.” (p. 284).

O trabalho de historiador, para ele, se relaciona a duas grandes responsabilidades: a primeira se refere à tarefa do profissional em história, qual seja, a de explicar o que de fato ocorreu; a segunda, articulada ao papel que este profissional desempenha em sociedade, pois ele é cidadão. Para os estudantes que se tornarão historiadores do mundo contemporâneo, Judt acrescenta outra: “[...] temos uma obrigação para com os debates contemporâneos, de uma forma que é, claro, inaplicável, digamos ao historiador do início da Antiguidade.” (p. 285).

No que se refere à memória, o interlocutor de Judt, Timothy Snyder ensina uma forma de distinguir memória e história. Para ele, trata-se de “[...] perceber que não há verbo para a história. [...] A memória existe na primeira pessoa. [...] Ao passo que a história existe sobretudo na segunda ou na terceira pessoa.” (p. 296-297).

O papel que o intelectual exerce na sociedade foi o tema principal das conversações enfiadas no penúltimo capítulo da obra *Idade da responsabilidade: moralista americano*. Judt chama a atenção para o fato de que o século XX fora aquele no qual a figura do intelectual recebera grande destaque, “[...] com todas as traições, acomodações e compromissos que os acompanham.” (p. 303). Para ele, o principal desafio dos homens de letras na contemporaneidade é expresso pela seguinte questão: “[...] como ser um universalista coerente?.” (p. 307).

A partir desta premissa entende-se que o autor defende a ação do intelectual como um cidadão do mundo, um cosmopolita que atua não apenas em “assunto paroquial” (p. 314).

O último capítulo da obra recebeu um título especial que remete a um dos conceitos mais relevantes para explicar o século em tela. Intitulado *A banalidade do bem: social-democrata*, ele lança um olhar sobre o século XX ao mesmo tempo que dialoga com Hannah Arendt, autora que descreveu “a banalidade do mal”. Nesta altura, ele também critica uma das ideias que ora dominam o ambiente acadêmico. De acordo com esta visão, a última centena de anos foi marcada pela catástrofe e pelos extremos. Todavia, durante toda a conversa entre os dois historiadores, evidencia-se uma discordância com esta perspectiva. Para Judt,

O século XX não foi necessariamente como nos ensinaram a vê-lo. Não foi, ou não apenas, a grande batalha entre democracia e fascismo, ou comunismo versus fascismo, ou esquerda versus direita, ou liberdade versus totalitarismo. Minha sensação é de que durante boa parte do século estávamos envolvidos em debates implícitos ou explícitos sobre a ascensão do Estado [...] (p. 402-403).

Para o século XXI, em seu modo de compreender os problemas contemporâneos, o desafio seria “[...] a política de coesão social em torno de propósitos coletivos contra a erosão da sociedade pela política do medo.” (p. 403). Coerentes desde o início da conversa, numa obra que “fala o século XX” (p. 409), os dois historiadores terminam a obra discorrendo sobre o futuro, sobre as problemáticas que possivelmente os cidadãos coevos terão de resolver.

No *Posfácio* que faz, às vezes, de despedida, Tony Judt confessa que seu passado serviu para compreender o “estudo de outros passados”, desvelados ao longo de toda a conversa. Ao final, o leitor encontra uma bibliografia em *Obras discutidas*, a partir da qual ele pode estender seus estudos nos mais diversos temas discutidos pelos autores. Trata-se de uma obra fundamental para a compreensão do século XX, ainda que ela constitua um desafio árduo ao leitor não especializado em virtude da densidade das temáticas problematizadas. Aos estudantes de ciências humanas e demais pesquisadores, o livro representa uma oportunidade de assistir a um debate riquíssimo de analogias e análises que enriquecerão sobremaneira seus trabalhos e sua formação.